

CORREIO POPULAR

HISTÓRIA
DE
CAMPINAS

JOSÉ DE CASTRO MENDES

17 DE MARÇO DE 1970

SUPLEMENTO COMEMORATIVO

1870 — 1970 *Centenário de Uma Ópera*



Antonio Carlos Gomes imortalizado no soberbo monumento túmulo erigido na Praça Bento Quirino, admirável criação artística do grande escultor Rodolfo Bernardelli



JOSÉ DE CASTRO MENDES, o historiador de Campinas, há pouco desaparecido e que sempre pertenceu à redação do "Correio Popular", era incansável no trabalho de divulgar fatos e episódios do passado da terra campineira.

Pouco antes de falecer, José de Castro Mendes, empolgado pela aproximação da data do centenário da primeira apresentação da ópera "O Guarani", de Carlos Gomes, iniciou atividades para despertar a nossa população para o acontecimento que, na sua opinião, devia ser condignamente comemorado. Para isso, aventou idéias, projetou realizações e escrevia sobre a importância desse centenário, honroso para o Brasil todo e particularmente para a cidade natal de Carlos Gomes.

Estimulado por José Acchilles Faria, de quem era íntimo amigo, escreveu o "Zéca" algumas páginas que, infelizmente, se transformaram em seu último trabalho.

O último trabalho do querido e já saudoso José de Castro Mendes, é este suplemento, destinado a enriquecer as comemorações em torno do centenário da ópera "O Guarani".

Com este suplemento, não só prestamos homenagem a Antônio Carlos Gomes, que com a sua genialidade musical elevou o nome do Brasil no estrangeiro, como também reverenciamos a memória daquele que levou grande parte de sua existência a cultivar o nome de Campinas e de sua gente.

Carlos Gomes, o campineiro ilustre é aqui focalizado, com carinho e erudição, por outro dileto filho de Campinas: José de Castro Mendes.

"Sobe, sobe, condor! O teu vôo descerra
 "E vae de mar em mar, e vae de terra em terra!
 "Mas eu te cortarei o vôo altivo após!"

E o tempo foi correndo: as éras após éras
 Os invernos seguindo após as primaveras,
 A noite após a noite, os sóes após os sóes!
 E o condor se alteiava, o grande dentre os grandes,
 Ultrapassando o cimo olimpico dos Andes,
 Conquistando os laureis vetustos dos heróis!

Apresentava o gênio em melodia rara,
 O afeto de Cecilia, a dor cruel de Iára,
 Da Tudor a paixão, de Condor o revês;
 Da floresta o ciclar que vai de riba em riba
 E o doce murmurar do calmo Paraíba,
 E o horrisono rugir dos fortes Aimorês;

De Salvator o esforço, e do mar ao ribombo,
 A esperança a fulgir nos olhos de Colombo,
 Os medonhos parceiros passando sem temor!
 E ao som da sinfonia assim clamava a Glória:
 "Gênio! Tu viverás nas páginas da história,
 "O águia portentosa, impavido Condor!"

E vinte anos depois, quando iam nossas almas
 Explodir a seus pés num turbilhão de palmas,
 Sonoras a estrugir,
 Quizeste, ó sombra mestra, à boca feia um rictus
 Merencório a enflorar os teus labios malditos,
 Do pássaro este vôo altivo ferir!

Ergueste a foice. Ho! Deus e do Gênio o santelmo
 — Como aos golpes da maça estacela-se um elmo.
 Desfêz-se nesse dia! E a ave foi ao chão!
 Sorriste ao derribar o grande entre os grandes,
 Cujá fronte altaneira ultrapassava os Andes,
 Cujó vôo sem par devassava a amplidão!

Tripudiaste, julgando essa vitória tua,
 Ó morte formidanda, ó morte torpe e crua!
 Ceifadora eternal de Junebre troféu!
 — E o viste além sofrer, perante o azul celeste,
 Porque se a Fama é o céu que de astros se reveste,
 A dôr que segue o Gênio é a nuvem deste céu!

Mas, não venceste, não! Que indo através das eras
 Das estrélas, dos sóes, dos mares, das esferas,
 A Glória brada sempre em rutilo fulgor:
 "Salve ó pátria ditosa! Eterna entre altos nomes
 "É a epopéa do Gênio!"

E é a tua, ó Carlos Gomes!
 — Águia de minha terra, impavido condor!

NO TÚMULO DE CARLOS GOMES

Martins FONTES

Cantai! Florestas do Brasil, cantai!
 Ventos, águas dos mares e cachoeiras,
 Centuplicando estrofes condoreiras,
 Tombadalai, rolai, sinfonisai!

Nossa harmonia louve o excelso Pai!
 E ouça-se a voz das plagas campxineiras
 Que dominando os hinos das palmeiras,
 Chore e soluçe em convulso guai!

São Paulo a Carlos Gomes interpreta,
 Erige-lhe um altar sobre o alcantil,
 Que no espaço e no tempo se projeta!

Em cada cume, em cada campanil,
 Redobre um carrilhão e exalce o poeta
 Das orquestras de fogo do Brasil!

CARLOS GOMES

Ibrantina CARDONA

A natureza, a mãe enorme gigantesca,
 De quem tu, arrojada inspiração dantesca,
 Pelo teu Guarani fecundo de harmonia,

Na força musical, reproduziste um dia,
 O vigor da floresta indígena; a linguagem,
 A vida, a raiva do amor e a dança do selvagem;
 Das aves o gorgoio, o rugido das feras,
 O éco dos trovões e a calma das esferas;
 A injusta natureza, a quem por toda a parte,
 Na epopéa sublime e imaculada da Arte,
 Tu tornaste imortal; com seu pulso assassino,
 Aniquilou-te agora o cérebro, divino!

E tu tombaste, oh! Águia audaz e torturada!
 Numa explosão de luz, tombaste ao Grande Nada!
 Tombaste, sim! mas vendo a imensa cordilheira
 Da América gigante; ouvindo a derradeira
 Harmonia da selva, esmorecendo aos poucos,
 Nas fibras da tu'alma; ouvindo os écos roucos
 Das cascatas caudais do soberbo Amazonas,
 Inflamado do sol tropical destas zonas!

Sol que, jorrando luz dos píncaros dos Andes,
 Alaga tua Pátria em radiações tão grandes
 Como essas vibrações de notas primorosas,
 Da tua'alma de Artista, ecoação gloriosas
 Pelo Universo inteiro!

Oh! grande Brasileiro!

Tipo descomunal! Oh! cabeça estupenda!
 Há de haver quem tua'alma extraordinária
 entenda;

Quem na sua a recolha, ouvindo a a todo instante;
 Quem a sinta através dos séculos, palpinte,
 Enquanto do Progresso haster-se o baluarte,
 E no Brasil houver um culto pela Arte!

Na música a pulsar, hás de viver, oh! Artista,
 No grande coração da mocidade altruísta!

Viverá, sim! Aquele em quem, no Velho Mundo
 Tantas vezes gritou, desmedido e profundo,
 O nosso pátrio orgulho, ao ve-lo festejado,
 E pela culta gente ouvido e proclamado!

Sim! Esse mesmo em que todo o Brasil radiante
 De louros viu cingida a fronte de gigante!...

Viverá como vive o Gênio nos que ouvem
 Harmonias de Liszt, de Wagner, de Bethoven,
 De Chopin e Mozart, de Verdi e Paganini!
 Sim, êle viverá como vive Bellini,
 E como vive o Herz e Gottschalk — o bravo!
 Não! não morreste, oh! Artista autor da Fosca e
 Escravo!

Levanta-te, Cabloco! Agora é que te acordas
 No grande Pantheon, para juntar-te às hordas
 Dos vultos imortais! À tua trajectória
 Levanta-te, que agora é que te acorda a gloria!
 E assim como Noé, outr'ora sôbre o Oceano,
 Contemplava o dilúvio, em sua imensa barca,
 Tu, erecto e de pé no pórtico da História,
 Olharás, através dos sec'los, altaneiro,
 Passando as gerações...

E se um dia o estrangeiro

CASA DE PIANOS "EGYDIO ARANHA"

SÉRGIO A. ARANHA

Vendas e reformas em geral de pianos
 harmônios — Materiais para pianos,
 feltros, isoladores de vidro e madeira,
 banquetas e mochos, cordas, bordões
 e gaitas, avaliações e afinações

RUA DR. QUIRINO N.º, 1426
 FONE 9-5386

Te perguntar: Quem és? Responderá ufano,
 Por ti o teu Brasil:

É o grande patriarca

Da Arte musical — Carlos Gomes! Primeiro
 Vulto de excepcional Artista Americano!



Prédio ainda existente à rua
 Dr. Moraes Sales, antiga rua
 de São Carlos, onde se hospede-
 dou Carlos Gomes quando de
 seu regresso da Europa glori-
 ficado pelo sucesso do
 Guarani

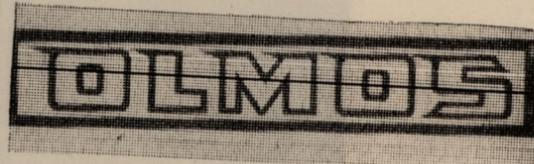
NOSSA TRADIÇÃO

É MAIS

UMA GARANTIA

PARA O SEU

VOLKSWAGEN !



VEICULOS E SERVIÇOS LTDA.

REVENDEDOR AUTORIZADO

Barão de Itapura, 2233

1870 — 1970

Centenário de Uma Ópera

**O Guarani é a voz da terra graciosa
e forte
que canta dentro da sua natureza
esplendorosa.**

**Tudo nessa página imortal
da nossa arte,**

**é fôrça,
vida e amor.**

**É a alma
de Carlos Gomes.
É o Brasil.**

(O. Neto)



A "UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS" POR INTERMÉDIO DA SUA FACULDADE DE MÚSICA, COM SUAS NOVAS INSTALAÇÕES, FUNCIONANDO NO TRADICIONAL "CONSERVATÓRIO MUSICAL CAMPINAS" SAUDA O POVO E AS AUTORIDADES CAMPINEIRAS, PELOS FESTEJOS COMEMORATIVOS DO

I Centenário da Ópera "Il Guarany"

ória do imortal ANTONIO CARLOS GOMES, o maior Gênio Musical das Américas. Congratula-se também, com aqueles que estão trabalhando para o brilhantismo de uma GRANDIOSA COMEMORAÇÃO, na certeza de que a maior homenagem ao insigne MAESTRO consiste em cultivar e desenvolver a tradição musical de Campinas, o que de longa data vem se realizando no «CONSERVATÓRIO MUSICAL CAMPINAS», que, desde a sua fundação, conquistou para o Serviço de CARLOS GOMES, o maior número de prêmios e troféus já obtidos por um estabelecimento de ensino musical no país, fazendo jus à crítica especializada das três Américas, que exalta o valor de sua Escola pianística.

A «FACULDADE DE MÚSICA» que passará a funcionar no CONSERVATÓRIO MUSICAL CAMPINAS» está sob a Direção do Maestro Prof. Dr. Oswaldo Antonio Ur-

ban, com os seguintes cursos: Formação de Professôr de Educação Musical; Aperfeiçoamento em instrumentos (piano); Curso de extensão universitária; Teoria e prática do Ensino Médio.

O «CONSERVATÓRIO MUSICAL CAMPINAS» sempre sob a Direção da Profa. Olga Rizzardo Normanha, continuará com os Cursos de Piano, Instrumentos de sôpro, Instrumentos de Cordas, Acordeon, Canto, Declamação. — Curso especializado de Piano e de Formação de Professôres de Iniciação Musical; Matérias Complementares exigidas pelo Serviço de Fiscalização Artística aos Cursos Oficiais.

O «Jardim Encantado das Artes» mantém o Curso de Iniciação às Artes, destinado às crianças a partir dos três anos de idade: declamação, música, pintura, desenho, ballet, orientados por professôres especializa-

dos, que proporcionam também a rápida alfabetização dos alunos.

A «ESCOLA DE BALLET VITÓRIA RÉGLIA» tem como seu orientador o Prof. Mozart Xavier e conta este ano, com a colaboração do consagrado bailarino Johnny Franklin, Diretor do Corpo de Bailados do Teatro Municipal da Guanabara e de São Paulo.

O Curso de desenho, está a cargo da laureada Pintora, Wanda Teixeira Rosa, detentora de significativos prêmios em medalhas, conquistados em Salões de Artes.

O estabelecimento mantém ainda, cursos de Francês, Inglês e Yoga, que fazem parte integrante da preparação artística, pertencentes ao curso especializado.

A foto aqui estampada, mostra a majestade do prédio onde funciona o Conservatório Musical Campinas à rua Boaventura do Amaral n. 692.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

A 11 de julho de 1836, em modesta casa da antiga rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), nascia Antonio Carlos Gomes, filho de Manoel José Gomes o precursor do ensino musical nesta cidade e de Fabiana Maria Cardoso.

Vocacionado para a arte, e crescendo em ambiente propício, desde criança revelou suas habilidades, participando das atividades profissionais do genitor na banda-orquestra por ele fundada, uma das melhores da Província, na época.

Aos vinte anos Antonio Carlos andava pelas fazendas vizinhas, lecionando piano e outros instrumentos colaborando ainda nas cerimônias religiosas da semana santa, cuja música estava a cargo de seu pai o Maneco Musico como era conhecido.

Admirador de Verdi o grande compositor italiano, aos 23 anos compunha um «Spartito» para o mesmo sobre a ópera Tro-

vador (partitura esta cujo original se encontra no Museu do Centro de Ciências Letras e Artes). Data desse ano o seu conhecimento com Henrique Luiz Lewy, comerciante que viera a Campinas a negócios, tornando-se grande amigo e admirador do jovem artista conterrâneo. A 19 de março, no teatro São Carlos, realizava-se um grande concerto musical, com a participação de José Pedro de Sant'Ana Gomes, Henrique Luiz Lewy exímio clarinetista e Carlos Gomes. Instados por alguns estudantes, que se achavam em férias, os três musicistas seguiram para São Paulo onde se exibiram com sucesso. Durante a sua permanência na capital paulista, Carlos Gomes compôs o Hino Acadêmico e a modinha Quem sabe?, gran-geando grande popularidade.

A conselho de Lewy, para que fosse em sua companhia ao Rio de Janeiro, onde teria oportunidade de conhecer a Opera Nacional,

Carlos Gomes assim procedeu, embora contrariando a vontade paterna. Na Corte, procurou o Imperador Pedro II, conseguindo matricular-se no Conservatório Nacional de Música onde passou a estudar com Francisco Manoel o autor do Hino Nacional, e Joaquim Gianini professor de contraponto.

Após um ano de preparo dando sempre mostras de invulgar talento, Carlos Gomes compunha a primeira ópera «A Noite do Castelo», cantada com sucesso a 4 de setembro de 1861, trabalho esse considerado como a revelação de um gênio.

Animado pelos aplausos, o jovem artista entregava-se com entusiasmo a outra produção, apresentando a 15 de setembro de 1863, «Joana de Flandres», ou A Volta do Cruzado, cujo triunfal acolhimento despertou as atenções de D. Pedro II que concedeu-lhe uma pensão para estudos na Europa.

ALIANÇA FRANCESA

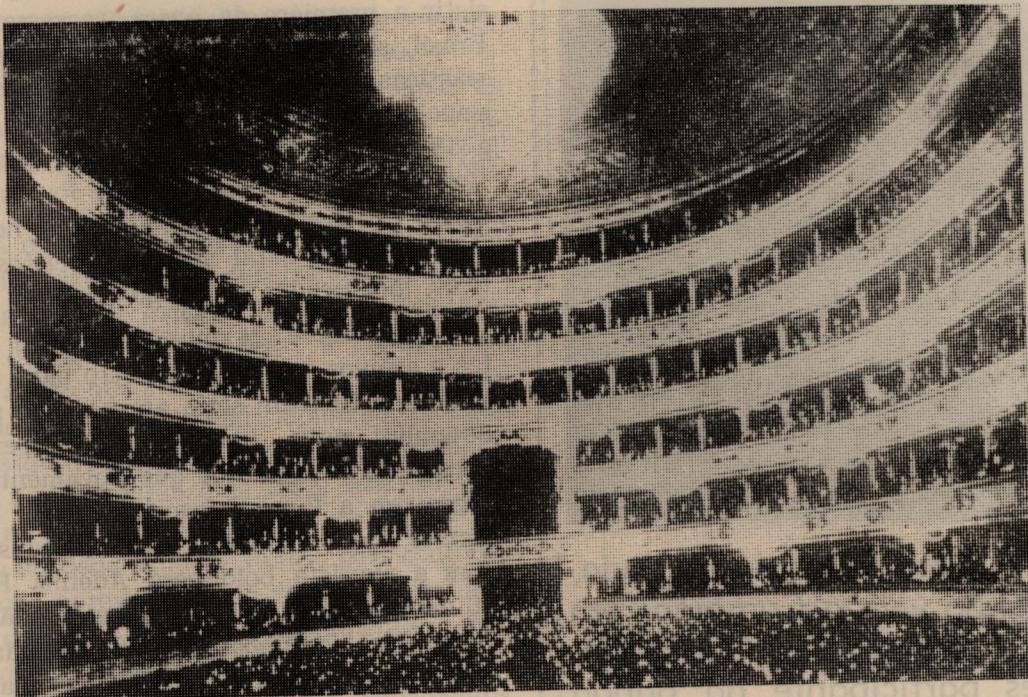
CURSOS AUDIO-VISUAIS:

- 1 — Infantil
- 2 — Adultos

Métodos ativos
Civilização e literatura francesas
Biblioteca

**Bolsas de estudo para
universitários e
secundaristas**

RUA BARÃO DE JAGUARA, 420
FONE: 8-3571



Sala de espetáculos do famoso teatro italiano

Chegando a Milão em 1864, Carlos Gomes que não pôde matricular-se no Conservatório, por ser estrangeiro, passou a frequentar as aulas do maestro Lauro Rossi, diretor daquele estabelecimento de ensino, onde prestou exames finais conquistando o diploma de maestro.

Durante esse tempo, escreveu as partituras para duas revistas: «Se sa Minga» e «Nella Luna», apresentadas com enorme êxito nos teatros da península, popularizando seu nome como compositor.

Mas, a sua estrêla de glória não tardaria a despontar no firmamento artístico do Velho Mundo.

A 19 de março de 1870, no Teatro La Scala, de Milão, subia à cena a sua primeira ópera de fôlego, «Il Guarani», com libreto baseado no romance do mesmo nome, obra de José de Alencar.

O sucesso foi estrondoso. Carlos Gomes vencera árdua batalha, consagrando-se no mais severo auditório lírico do mundo, onde outros haviam fracassado.

Satisfeito, Lauro Rossi, o seu mestre, enviava-lhe as seguintes felicitações: «Até hoje não me consta que maestro algum, nas tuas circunstâncias, alcançasse vitória igual a do Guarani.

Encho-me de glória, e aperto-te em meus braços, feliz por considerar-te meu colega».

A crítica especializada teceu as mais elogiosas referências à ópera do jovem maestro brasileiro que, auspiciosamente,



Il Guarani – Bronze que se encontrada no monumento a Carlos Gomes erigido ao lado do Teatro Municipal de São Paulo



Dom Pedro II jovem ainda, quando veio a Campinas em 1846 e conheceu Carlos Gomes participante da Banda organizada por Manoel José Gomes

ingressava no quadro dos compositores líricos internacionais.

Pouco tempos depois, Carlos Gomes em companhia do irmão José Pedro de Sant'Ana Gomes, que fôra a Milão para assistir a premiêre da ópera, regressava ao Brasil, sendo acolhido com as mais entusiásticas provas de aprêço por parte de seus patrícios. Em Campinas, onde chegou a 18 de agosto de 1870, alvo de apoteótica recepção, foi coroado de louros, recebeu o rico troféu em ouro maciço, homenagem da terra natal aos seus méritos artísticos, glorificados no Velho Mundo.

Após breve permanência entre parentes e amigos, seguiu o maestro para a Corte pois, o Guarani seria apresentado a 2 de dezembro, data natalícia do Imperador. Serenados os aplausos que novamente consagravam a famosa ópera, partiu Carlos Gomes para a Itália, onde se consorciou com a pianista bolonhesa Adelina Peri, a 16 de dezembro de 1871. (Dessa união nasceram quatro filhos: Carlota, falecida em tenra idade, Carlos André, desaparecido aos 25 anos, Mario, falecido com 5 anos e Itala, falecida no Rio de Janeiro em 1948).

Em 1873, Carlos Gomes, no Scala, apresentava a Fosca, considerada a mais

RSTORANI
AGÊNCIA DE TURISMO

EBT. 434/SP/69 Cat. A

Passagens: Aéreas e Marítimas

RESERVA DE HOTÉIS

Passaportes e vistos de saída — Certidões de Renda — Cart. mod. 19
Bagagens desacompanhadas — Orientação de viagens

EXCURSÕES

Informações sôbre chegada e partida de aviões

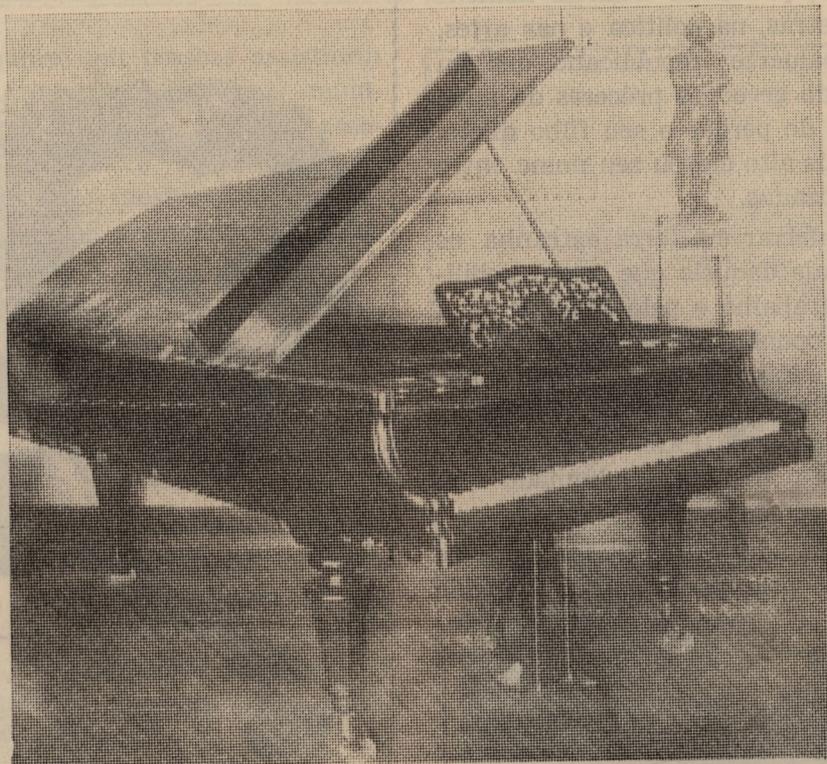
Auto de aluguel na Europa

GRÁTIS

Cursos preparatórios para turistas:
Francês, Inglês, Alemão, Russo, Árabe, Italiano, Espanhol, Esperanto, Hebraico e Idish

TURISMO FINANCIADO

Rua Luzitana, 1082 — Centro —
Fone 2-1571 — CAMPINAS



Piano que pertenceu a Carlos Gomes. Preciosa relíquia que se encontrava no Pará, entregue à guarda do Centro de Ciências, Letras e Artes, onde se encontra

importante de suas obras, verdadeira jóia musical que entretanto não alcançou o esperado êxito.

Filipo Filipi, conceituado crítico musical assim se referiu sobre a nova produção do maestro brasileiro: «Não há na Fosca uma só frase comum ou trivial. Tudo é nobre e grandioso, e se não é sempre absolutamente novo, é todavia superior às composições de Verdi, Gounoud, Wagner e Rossini, que lhe podem ser comparadas».

Retornando ao gênero melódico tão agradável aos italianos, em 1874, Carlos Gomes alcançava mais uma vitória com «Salvador Rosa» estreada auspiciosamente no teatro Carlo Felice, de Gênova, tornando-se uma das preferidas do público.

Embora lutando com grandes dificuldades financeiras que lhe torturavam os dias, prejudicando seriamente o seu trabalho, Carlos Gomes em 1879 dava a conhecer outra ópera «Maria Tudor», na qual depositava grandes esperanças. Recebida friamente na sua primeira apresentação, entre gritos e assovios, dos interessados em perturbar a representação, a ópera que fugia ao tradicional estilo melódico, tão apreciado pelos italianos, na segunda récita reabilitou-se, sendo calorosamente aplaudida, reconhecido como foi o seu valor musical.

Mas, Carlos Gomes ansiava por escrever um nova obra de caráter nacionalista, como fôra o Guarani. Afonso de Taunay, seu grande amigo e admirador, encarregou-se do libreto e, assim, em 1888 terminava «O Escravo», cuja versificação fôra entregue ao poeta Paravicini que realizou um trabalho cheio de erros e anacronismos.

Carlos Gomes procurou então sanar as falhas da melhor maneira, dando por concluída a ópera que dedicou à Princesa Isabel.

A estréia deu-se no Rio de Janeiro, a 27 de setembro de 1889 registrando mais uma vitória para o maestro, alvo de consagrada ovação. Retornando à Europa, em 1891 apresentava no Scala o «Condor», seguindo-se o poema vocal Colombo, baseado em assunto histórico e cantado no Rio de Janeiro a 12 de outubro de 1892. Mas este derradeiro trabalho do grande artista, o seu canto do cisne, embora valioso pelo conteúdo musical, apresentado em forma de oratória, não obteve o esperado acolhimento, fato êste que muito o desgostou.

Cansado, abatido pelos sofrimentos, lutando sempre com as dificuldades financeiras, Carlos Gomes desejou retornar ao Brasil, pensando em dirigir um Conserva-

tório, ou escola de música, em Campinas, o que não conseguiu.

Convidado, então pelo dr. Lauro Sodré, para organizar o Conservatório a ser instalado em Belem, capital do Pará, ali desembarcou em 1896, já minado pela insidiosa molestia que o levaria ao túmulo.

A 16 de setembro desse ano, falecia o genial compositor, deixando o nome aureolado pela fama a se destacar entre os mais eminentes compositores da cena lírica mundial.

O país inteiro pranteou o seu desaparecimento, reverenciando-lhe a memória com excepcionais honrarias.

Os funerais, na capital paraense, foram imponentíssimos. Interminável romaria desfilou perante seus despojos, expostos em câmara ardente instalada na Academia de Belas Artes, homenageados ali por tôdas as camadas sociais.

Após a oração oficial, pronunciada pelo dr. Paulino de Brito, ouviu-se a sinfonia do Guarani que a todos comoveu como se fôra a voz da terra brasileira a exaltar, naquele instante, o seu excelso e inolvidável cantor.

No extenso cortejo que acompanhou o esquife até o cemitério da Soledade, onde ficaria provisoriamente depositado, via-se o Estado Maior e o Regimento Estadual de Cavalaria, corporações colegiais, clero, seguindo atrás do coche fúnebre o Governador Lauro Sodré, grande amigo e protetor do artista, representantes do governo da



Imperador Pedro II que reconheceu o valor de Carlos Gomes concedendo-lhe uma pensão para estudos na Europa

Academia de Artes "ODETTE MOTTA RAIA"

Ballet Clássico
Moderno - Folclórico
Expressionista - Surrealista - Piano
Violão - Pintura Artística Moderna,
Acadêmica e Artesanato - Yoga
Ginástica para senhoras - Manequim - Inglês
Judô e Defesa Pessoal para Moças



Rua Barão de Jaguará, 940 - Fones:
9-5897 e 9-4500 - CAMPINAS

República, dos Governadores de Estados, do Senado e da Câmara, magistraturas Federal e Estadual, imprensa, marinha de guerra peruana, Exército e Armada, Guarda Nacional, Fôrça Estadual, Corpo de Bombeiros, Lojas Maçônicas e grande massa popular.

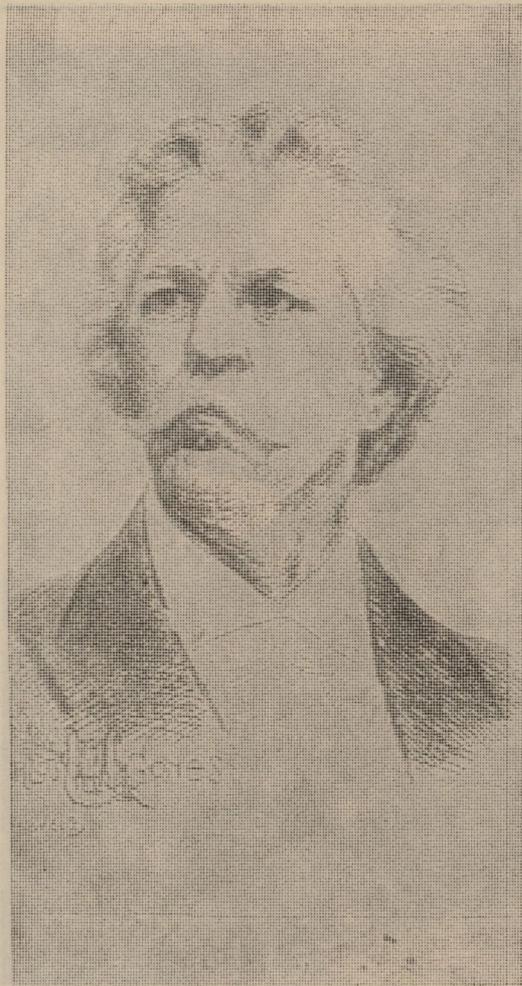
Viam-se, também, numerosas carruagens levando senhoras da sociedade paraense, diretores de associações, figuras alusivas aos personagens das óperas do maestro, e carretas conduzindo coroas e emblemas floridos, dos quais pendiam ricas fitas de seda e veludo com significativos dizeres em letras douradas.

Uma apoteóse do Pará ao artista máximo do Brasil.

NA TERRA NATAL

A infausta notícia do falecimento do artista conterrâneo, foi recebida com intenso pesar de toda a população campineira. O comércio cerrou suas portas, as repartições públicas suspenderam o expediente, hasteando o pavilhão nacional envolto em crepe.

Ao meio-dia os sinos de todas as igrejas dobraram a finados. Em sessão extraordinária, a Câmara Municipal, reunida às 16 horas, o dr. Vieira Bueno apresentava a seguinte indicação:



Primoroso desenho a bico de pena, autoria de Bernardeli o notável escultor do soberbo monumento a Carlos Gomes que se admira na praça Bento Quirino desta cidade

«Campinas, pátria de tantos homens notáveis nas letras, na política e nas artes, Campinas, o baluarte republicano, que em seu seio fecundo gerou os próceres do nôvo regime, acaba de perder o seu filho dileto, aquêlo que mais alto elevou seu nome entre as nações civilizadas.

Para não deixar em terra estranha os despojos mortais daquele que tanto nobilitou, pelo seu trabalho e pelo seu talento a terra natal, proponho que se telegrafe ao Presidente do Estado de São Paulo para que, por seu intermédio, seja requisitado ao governo do Estado do Pará, o cadáver do grande paulista, para ser inhumado em Campinas, que é seu berço.

Que se consigne na ata um voto de profundo pesar pela perda irreparável que

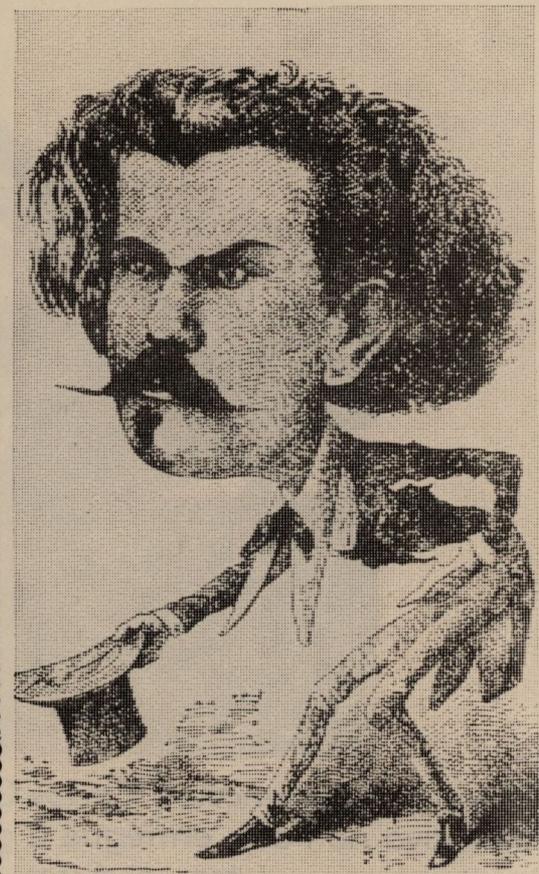


José de Alencar autor do romance "O GUARANI" do qual foi extraído o libreto da ópera de Carlos Gomes

acaba de sofrer a América pelo desaparecimento do gênio musical, único que até agora produziu o Nôvo Mundo.

Campinas, 17 de setembro de 1896».

Ocupando a presidência do Estado outro grande campineiro, o dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, que muito se interessou pelo justíssimo pedido da Câmara campineira, não tardou muito para que o corpo do maestro viesse repousar na terra natal, onde chegou a 24 de outubro, alvo de consagradoras homenagens em todos os lugares por onde passou. Aqui chegando às 16 horas, foi o esquife conduzido para a Matriz Nova (Catedral) onde ficou exposto durante três dias, realizando-se os funerais a 27. As ruas achavam-se ornamentadas de flôres, com mastros negros cobertos de crepe, encima-



Caricatura de Carlos Gomes publicada na Itália quando se deu a estréia do Guarani no Teatro La Scala, de Milão

dos por escudos onde se viam monogramas de Carlos Gomes.

Os combustores de gás, cobertos de crepe, permaneceram acesos dias e noites, pelas esquinas erguiam-se arcos floridos com o retrato do artista. Colchas negras de veludo recamadas de estrêlas de prata pendiam das janelas e sacadas, refletindo em tudo, por todos os lados, a grande tristeza, o profundo pesar da cidade pelo desaparecimento de seu ilustre filho.

D. MAZZUCA

A MELHOR OFICINA ESPECIALIZADA EM CONCERTOS DE TELEVISORES, RADIOS, UHF E REGULADORES

INSTALAMOS ANTENAS PARA TELEVISORES

Rua 13 de Maio, 120

Fone 2-4848

Cerca de quinze mil pessoas assistiram as cerimônias. Autoridades estaduais, municipais, militares e religiosas, colégios, associações, bandas de música, orquestras, em fim toda a população mostrava-se irmanada nessas homenagens prestadas ao grande morto.

«Foram honras nunca vistas, nunca prestadas a brasileiro algum, alguma coisa dos antigos triunfos dos Cezares no período aureo da grandeza romana, honras que falavam à alma numa sugestão invencível e fascinante».

Depositado provisoriamente na capela da família Ferreira Penteadado no cemitério da Saudade o esquife do maestro ali permaneceu até 1904, quando foi trasladado para a cripta do monumento erigido na praça Bento Quirino, primorosa obra do escultor Rodolfo Bernardeli.

Foi essa a primeira estátua que perpetuou, em bronze e granito o vulto imperecível do grande artista.

Em seu estudo biográfico sobre o maestro campineiro, diz Benedito Otavio:

«Teve uma vida de doze lustros repartida entre alegrias e dores, ovações e afrontas, só encontrando no culto da Arte abrigo contra a injustiça dos homens.

Não tendo cumprido inteiramente, por



Joaquina Gomes, eximia pianista que ao lado de seu glorioso irmão executou ao piano o grande bailado do Guarani, no festival oferecido ao maestro a 4 de fevereiro de 1871, quando se encontrava nesta cidade em visita a seus parentes e amigos

motivos superiores às suas forças, a grande missão que dele se esperava, deixou contudo uma obra dificilmente igualavel, nunca excedida, uma obra imortal.

Artista de gênio, compositor inspirado escreveu páginas que se tornaram assombro até dos mestres da música.

Espirito fraco para as especulações da vida, possuía fortaleza para aperfeiçoar-se na carreira que escolheu, seguiu e nobilitou. Teve na alma, incontestavelmente, essa divina centelha que faz alguns homens predestinados superiores a outros no tempo e no espaço».

O GUARANI

Conta o historiador Escragnole Dória:
«A 19 de março de 1870, cola fresca

grudava cartaz nôvo à porta do Teatro Scala, de Milão. Paravam transeuntes, liam e seguiam mais intrigados com o título da ópera do que com o nome do compositor.

«Il Guarany» de Antonio Carlos Gomes... Que vinha ser «Il Guarany, palavras que os transeuntes liam Il Guarany? O nome do autor, êsse era de vez familiar a muitos curiosos, nome do fornecedor de música ligeira a teatros pequenos da cidade, a peças populares em dialeto milanês.

Demasiada ignorância dos transeuntes das calçadas de Milão em março de 70. Não. Meses antes dêles, o músico também ignorava o que fôsse o Guarani. Comprara o romance num café, a um vendedor ambulante de livros, devorara-o, e no espírito da sêde de glória, nascera-lhe a idéia de tornar sonoro em orquestra, o que silencioso cantava na prosa de Alencar, o musical...

Gomes saíra da pátria, ao peso de responsabilidades grandes, querido, ajudado, espécie de letra de futuro sacada pelo Brasil moço contra a Europa em câns.

Cumpria justificar a confiança de Campinas natal, a dos acadêmicos paulistas, a do Rio de Janeiro e de seus homens mais ilustres, a principiar pelo Imperador.

Podia voltar como partira, passando sem ruído por todos, para enterrar-se em Campinas como professor de piano, a tanto por hora.

Produziu Carlos Gomes nas febres do labor e do estímulo.

Transformara o romance de Alencar em ópera de estréia a 19 de março de 1870. Nessa manhã, na medida do bater das horas, mais lhe batia o coração aperto a aperto, a pálpito a pálpito.

Tempos antes, deitara Carlos Gomes no correio singela carta, via Campinas, com endereço fraterno. Diziam as letras: «Juca, aproxima-se o dia fatal. Vem; se tu me faltares e o sucesso coroar os meus esforços, a tua ausência far-me-á receber ovações do público italiano com a alma cheia

O INSTITUTO MUSICAL "DR. GOMES CARDIM",

por intermédio de seus diretores profa. Mercedes Andrade Silva e Décio Andrade Silva, congratula-se com a Comissão de Festejos do Centenário da Ópera

"O Guarani", do
compositor ANTÔNIO
CARLOS GOMES.



Centro Cultural Brasil-Estados Unidos

UMA ENTIDADE DEDICADA
A CAMPINAS, UNE-SE AOS
CAMPINEIROS NA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE "O GUARANI", MUNDIALMENTE FAMOSA OBRA DE UM DE SEUS FILHOS MAIS ILUSTRES.



Capa de um album de lembranças oferecido a Carlos Gomes no seu regresso da Europa após o sucesso alcançado pelo Guarani. Desenho do notável artista brasileiro Pedro Américo

(Foto de Kazys Vosylius)

de tristeza e de saudade por ti, meu irmão, meu amigo, sempre generoso protetor».

E corria o tempo, o maior dos inclementes, surdo a quaisquer rogos.

Pelas folhinhas, só a cego se não anuncia. Desfolharam-se as folhinhas em Milão — marcaram o dia 19 de março de 1870, o dia fatal. Mas, chegara o desejado, o irmão, o amigo, o sempre generoso protetor, para assistir a ópera, desde o crú dos primeiros ensaios.

A amizade é sublime, resgata a hipocrisia dos infames nela embuçados para traír melhor, apunhalar mais vivo.

Após o primeiro ensaio, Sant'Ana Gomes perguntava ao irmão Tonico, a ter desconfiança do caipira, e orgulho da raça: «pois foste tu mesmo que fizeste tudo aqui-lo homem?».

Anunciaram o Guarani para as oito da noite. Às seis da tarde, o Scala estava cercado de gente à cata de lugar, ávido o espectador italiano de música para consagrá-la ou repeli-la, flôr ou espinho, carícia ou ferimento. Abriam-se as portas do Scala ao povaréu. Encheu-se o edifício. Na platéia, ficaram os oficiais do ofício, os músicos, os censores de ofício, os críticos. Nos camarotes, sorriam as senhoras. Sem elas o teatro pareceria câmara fúnebre, onde a orquestra seria talvez capaz de tocar em surdina.

Verdi estava presente. Começa a ópera; agrada. Verdi aplaude e no fim dos atos vai

aos bastidores cumprimentar o estreante, bambo de pernas. Acaloram-se os cantores, ouvem-se palmas estrepitosas. Qual o crepitar da fuzilaria para o ardego soldado, elas são para o artista o convite a arrojarse, vencer ou morrer nas noites do palco.

Maria Sass é Cecy; Vilani é Perí, Storti, Coloni e Maurel são Gonzales, D. Antonio de Mariz é o Cacique. Maurel, filho do arquiteto construtor do Cassino de Monte Carlo, fa-

lecido aos setenta e cinco anos, tinha sido da pátria, de França, tocado da ópera de Paris pelo ciume de Fauré. Este, voluptuosamente se estimava no egoísmo, e não queria em luz da glória, a sombra de artistas de futuro, mormente moços.

Coube a Maurel estreiar no Guarani, criando o papel de cacique, de modo insuperável, dominando o teatro, também o eletrizando na invocação retumbante ao deus dos Aimorés.

O quarto ato da ópera foi ouvido religiosamente, elogio de preço, dado o temperamento bulhoso do espectador italiano.

A explosão que vitima em cena D. Antonio de Mariz e seus fieis sepultando-os nas ruínas da outróra risonha morada do Paquequer, deu sinal às expansões ruidosas do público.

Autor de cabeleira leonina esparsa, regente, cantores, mesmo coristas até cenógrafos vieram, em jubiloso grupo, às luzes da ribalta para ovação de meia hora. O público não acudia a sono, e por pouco não se lembra, como certa vez o de Viena, de pedir a repetição completa da ópera. Apreciaram os espectadores, sobretudo a cena final do quarto ato, tão dramática na partitura, para o auditório de tão duradouras impressões que não lhe deixaria o epílogo do romance posto em cena.

José de Alencar costumava ler em família os seus romances, a medida da composição. Sujeitava-lhes os lances e os personagens a juízos de coração. Este também sabe criticar com brandura e calma, acertando não raro com a maior felicidade. Em todos amôr não cega.

Alencar leu o Guarani aos bocados, à assembleia doméstica, terminando a obra

CAMPINAS, 1870/1970

O Brasil se orgulha da ópera "O GUARANI" com a qual Antônio Carlos Gomes ingressou, na qualidade de Maestro-Compositor, nesse templo da arte lírica: o Teatro La Scala de Milão.

Jamais peçamos a Carlos Gomes mais do que êle nos pôde, legitimamente, oferecer.

Pais, Mestres e Alunos do CONSERVATÓRIO MUSICAL "SANTA CECILIA" e JARDIM A.B.C. do "PICA PAU AMARELO", se irmanam às solenidades em comemoração ao Centenário da Ópera "O GUARANI".

RUA SACRAMENTO N.º 132. FONE 8-6129

quando a frontaria da casa de D. Antonio de Mariz tomba sobre a esplanada, esmagando na queda os selvagens assaltantes.

Mas, com o pedido das irmãs, fize'a Lorezano morrer queimado em fogueira, o romancista acrescentou à catastrophe do Paquequer o epílogo da cheia do Paraíba, caminhando Ceci e Peri para a morte, sobre a palmeira arrastada pela torrente impetuosa».

Foi uma noite de gloria para Carlos Gomes. O jovem maestro campineiro vencera a batalha, subindo para o pedestal da imortalidade.

JULGAMENTO DOS CRÍTICOS

Não só o público que lotou o Scala naquela noite memorável aplaudiu com calor e entusiasmo o Guarani. Críticos e expertos no assunto, as penas mais severas da capital artística do Velho Mundo, manifestaram-se favoravelmente, tecendo elogios ao trabalho de estréia de Carlos Gomes.

Eis o que disse Filipo Filipi, um dos mais conhecidos e acatados críticos de Milão:

«O primeiro ato é perfeito do princípio ao fim, cheio de motivos frescos que denotam em Carlos Gomes uma bela fantasia, além da suma elegância na forma da instrumentação. O prelúdio (dois anos depois substituído pela profonia) e o câro dos caçadores, muito bem feito, preparam o ingresso do baixo profundo, pai de Cecília, que vem contar o caso singular da filha salva por um selvagem, Peri, da tribo Guarani, rival dos antropófagos Aimorés.

O motivo musical dêste canto é bastante original e a aparição do selvagem Peri assinala-se, por um trabalho de orquestra de singular potência e eficácia descritiva.

A canção de Cecília, com seu estro inventivo, cheio de brio encantador e de fresca desenvoltura, assinala por si só o gênio do compositor! O concertante da Ave Maria, que no libreto é um pleonismo, pois não há razões que damas e gentis homens portugueses, se ajoelhem no chão, no meio da rua, para invocar a proteção da Virgem, é

um trecho de música muito feliz, escrito com sábia distribuição de vozes e contém uma frase melódica de peregrina beleza: «Poi se avverrà che il turbine, etc.». O ato finaliza com um dueto entre o soprano e tenor que, na primeira noite, foi aplaudido com frenesí, e que agora é regularmente bisado! O adágio se compõem de uma melodia suave, peregrina, que alarga verdadeiramente o coração, e até os versos do poeta que inspiraram o maestro, são bons. No segundo ato há muito boa música, porém não é tão original, quanto a do primeiro; a ária do tenor, na gruta, tem um ótimo acompanhamento de orquestra e o prelúdio des-

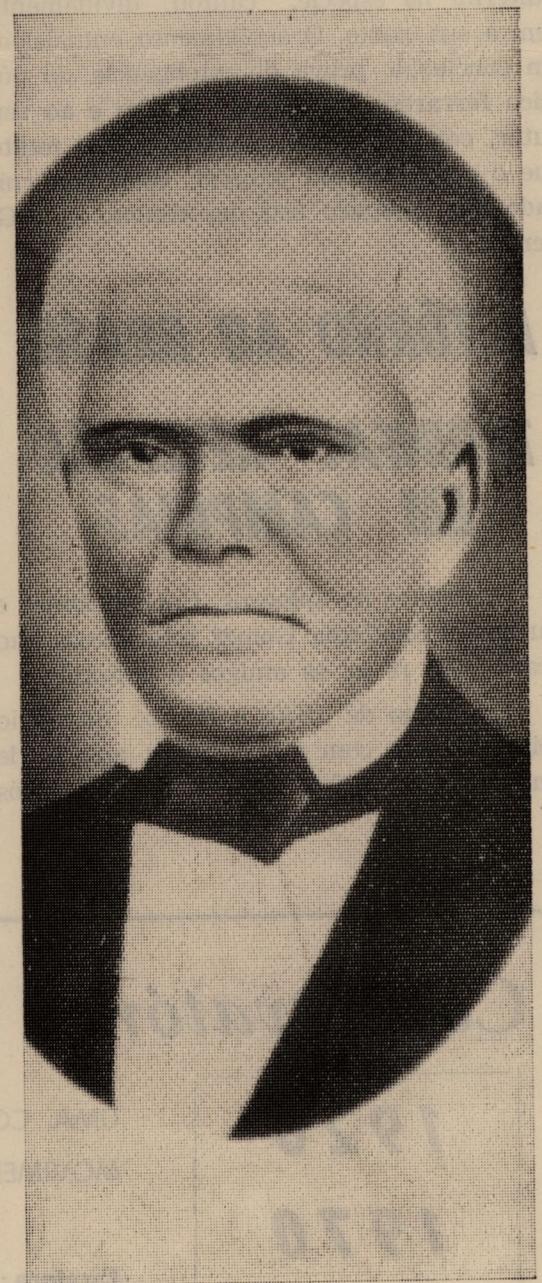
creve bem a agitação do temporal nos trópicos.

O câro dos aventureiros não é uma grande novidade, mas o bolero do barítono é muito característico. A balada de Cecília é uma verdadeira jóia musical. A forma é graciosa, o pensamento gentilíssimo e muito bem instrumentado, feita verdadeiramente a buril. O dueto que se segue, entre o soprano e o barítono é um bom trecho de ótimo efeito cênico, o final do ato todavia, é composto com o sistema antigo e se bem que de ótima maneira, não impressiona por falta de novidade. O terceiro ato é um magnífico quadro selvagem, muito bem idealiza-

MANOEL JOSÉ GOMES, natural de Parnaíba aqui radicado desde 1809, foi o precursor do ensino musical em Campinas e chefe de numerosa prole da qual se destacam ilustres instrumentistas que muito elevaram a arte musical em nosso país como sejam:

Padre Sant'Ana Gomes (filho), exímio organista, e primoroso-compositor, existindo ainda algumas peças de sua autoria guardadas no Museu do Centro de Ciências. Manoel Gomes (filho), elemento da Banda Marcial, a primeira que aqui existiu organizada por Maneco Músico. Thomaz Gomes (filho), exímio violinista, e desctado componente da primorosa orquestra que atuava no antigo Teatro São Carlos. José Pedro de Sant'Ana Gomes (filho), grande artista, compositor de peças para concêrtos e óperas, sendo ainda notável violinista, um dos melhores de seu tempo na província paulista. Antonio Carlos Gomes (filho), glória da arte lírica internacional, autor de óperas de envergadura encenadas nos grandes teatros do Velho Mundo. Joaquina Gomes (filha), exímia pianista de concêrto, muitas vezes aplaudida em apresentações públicas em teatros e salões de arte. Ana Gomes Funk (filha), pianista com larga atuação em nossos conjuntos orquestrais. Ormeno Gomes (neto), excelente compositor que residiu vários sanos na Europa, deixando um acervo de inspiradas melodias. Alfredo Gomes (neto), grande violoncelista formado na Bélgica e professor na Escola de Música do Rio de Janeiro. Paulino

Gomes (neto), grande esperança musical falecido prematuramente quando em viagem de estudos na Europa. Alice Gomes Grosso (neta), pianista de grandes recursos com destacada atuação em orquestra desta cidade e no Rio de Janeiro. Iberê Gomes Grosso (bisneto), considerado o maior violoncelista sul-americano. Ilára Gomes Grosso (bisneta), pianista de largos recursos com aplaudidas apresentações nos auditórios da Europa e do país.



COLÉGIO Bandeirantes

Classificado em 1.º lugar no "PLACARD DA PREFERENCIA POPULAR"

Períodos: Manhã — Tarde e Noite — Ambos os Sexos — Com o diploma do Curso primário, qualquer aluno matricula-se na 1.ª série Ginásial sem exame.

Cursos: Ginásial — Científico — Técnico de Contabilidade e — Matrículas abertas Aceitam-se transferências para todas as séries e todos os cursos

Diretor: PROF. HEITOR BENJOVENGO
RUA LUZITANA, 1.526 — FONE 9-5419

do, com muita coisa absolutamente inédita e original, que fascina positivamente.

Na primeira noite não me foi possível revelar todas as belezas desse ato, mas nas récitas sucessivas, devido a execução, muito melhorada, a obra magistral apareceu em toda a sua pujança! O câro dos Aimorés, a romanza do Cacique, o concertante e a imploração do Deus Selvagem, são trechos verdadeiramente dignos de um grande mestre. O mesmo do dueto entre Peri e Cecília e da belíssima frase do tenor:

— Oh mia campana!

— Oh fertili valli paterne, addio!

No quarto ato, o trecho verdadeiramente belo é o dueto entre o tenor e o baixo, e para concluir, direi que a ópera de Carlos Gomes, apesar de algumas desigualdades e hesitações, é uma das raríssimas obras que indicam um mestre cheio de talento, de fantasia e de saber musical».

Procurado por um jornalista de Ferrara, Giuseppe Verdi o maior e mais celebrado autor de óperas na Itália, assim se manifestou sobre o trabalho do artista campineiro:

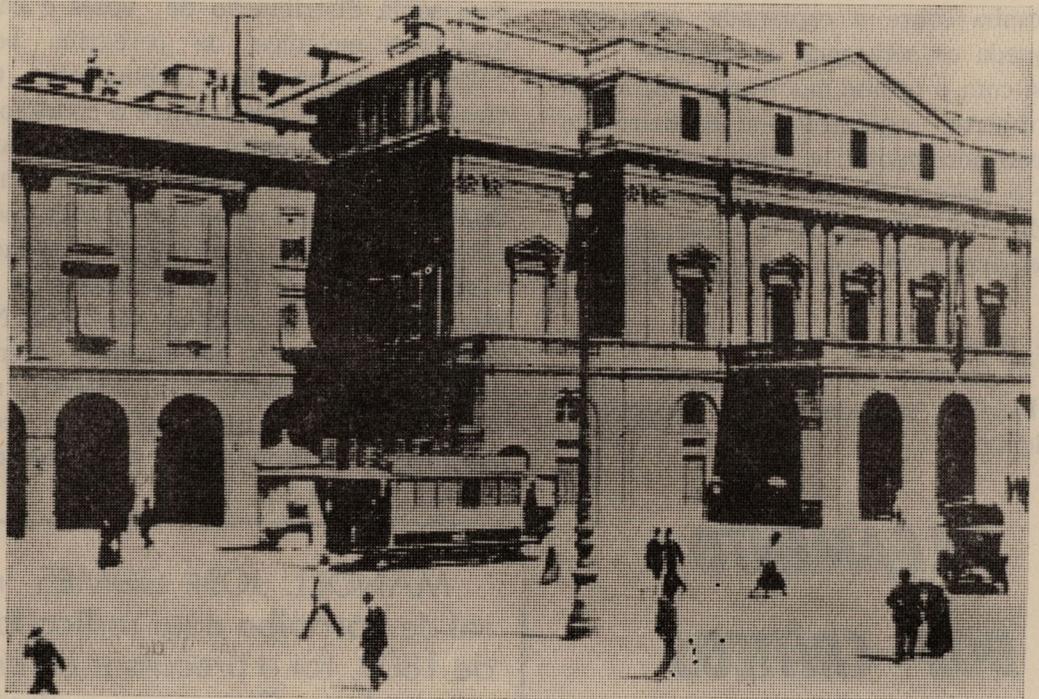
«Assisti com grande, viva satisfação, a ópera do colega maestro Gomes, e posso afirmar que a mesma é de esquisita confecção e reveladora de uma alma ardente, de um verdadeiro genio musical. Também a execução me agradou. O valoroso tenor Bulterini na espécie, cantou divinamente bem a sua parte. O acolhimento entusiasta, em conclusão, prova de inteligência do público ferrarese, assim ao trabalho e ao seu autor, como aos executantes, vale muito que o meu modesto parecer. Com fraternidade me asseguro seu devotíssimo — G. Verdi».

RETÔRNO AO BRASIL

TRIUNFAL RECEPÇÃO EM CAMPINAS

Serenados os aplausos, Carlos Gomes e seu irmão Sant'Ana Gomes retornaram ao Brasil para rever os amigos e parentes.

Em julho de 1870, a bordo do navio Poiton, alegre com a justificada alegria de um vencedor, o Tónico de Campinas após



Teatro Scala, de Milão

longos dias de viagem avista enfim as terras do Brasil.

No Rio de Janeiro acolheram-no com estrondosas manifestações de apreço que se revezaram em festas, recitais, discursos em louvor ao seus méritos de artista já coroado de louros no mais severo auditorio da Europa.

No dia 18 de abril de 1870, pelas três horas da tarde começaram a estrugir rojões nos ceus de Campinas, anunciando que algo de importante havia acontecido. Muita gente saiu de casa para saber o que havia. Uma banda de música começou a percorrer as ruas da cidade, que momentaneamente se tornara festiva: É que por carta chegava pelo último correio sabia-se do sucesso alcançado por Carlos Gomes com a sua ópera Guarani representada no maior teatro italiano.

E o povo, em ruidosa passeata, dirigiu-se à casa de Sant'Ana Gomes, manifestando o seu regosijo aos familiares do Tónico que em breve viria à sua terra natal, em visita aos parentes e amigos.

A 18 de agosto chegava o artista.

Como não havia ainda a estrada de ferro, em carro aberto, puxado por duas soberbas parelhas de cavalos, recebido nas pro-

ximidades de Valinhos por um grupo de cavaleiros, Carlos Gomes entra na cidade natal que se apresentava festiva, adornada de arcos de flôres, bandeiras e dísticos de saudação. Rojões e girândolas subiam em profusão, e as bandas de música alegravam mais ainda o ambiente com suas marchas e dobrados. Das sacadas e janelas, pelas calçadas, senhoras e moças acenavam lenços. Uma chuva de flôres cobriu a carruagem onde o jovem maestro, de pé, saudava agradecido a seus conterrâneos.

Um lauto jantar e a marcha luminosa realizada à noite tendo à frente a orquestra campineira, encerraram as manifestações do dia, recolhendo-se cedo Carlos Gomes para se refazer do cansaço da viagem.

No dia seguinte registrou-se, então, a maior solenidade programada, a coroação do artista, emocionante cerimônia cujos detalhes ficaram perpetuados na belíssima crônica de Francisco Quirino dos Santos, notável poeta, tribuno, e jornalista fundador da Gazeta de Campinas:

Já vistes nada mais solene do que a apoteose em vida?

Já vistes nada mais belo do que a justiça dos coevos, num ímpeto quase divino, desdobrando as azas brancas para balançar-se à volta do mérito, e distribuir a fé-

Conservatório Musical "CARLOS GOMES"

1926

1970

UMA COMPLETA EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTÍSTICA. COMO LIDER NOS GRANDES MOVIMENTOS CULTURAIS, DEU O PRIMEIRO PASSO PARA ESTA MONTAGEM CAMPINEIRA DA ÓPERA "O GUARANI"

Diretora : Léa Ziggatti Monteiro

Rua Regente Feijó, 1.038

ria de um máximo trabalho, o galardão significativo de um arrojado esforço?

Foi assim bela e solene a coroação de Carlos Gomes, pois foi a sua coroação que se efetuou naquele dia, entre nós.

Uma coroação, eu só me lembro de Quintana, o poeta espanhol a quem se levantou assim uma honra significativa antes da morte.

Aos outros, só a posteridade é que lhes vai cingir os goivos de uma recordação tardia à peanha da cruz, quando não às rampas da vala rasa e comum. Pois bem! Carlos Gomes não há de ver extinguir-se a exuberante seiva de seu engenho profundo sem ter presenciado a comovente cena da sua glorificação, a que nós todos acabamos de assistir».

«Esta solenidade realizou-se no antigo sobrado que existiu no largo da Matriz Nova — Catedral — onde atualmente se encontra o Hotel Términus).

«Quando o maestro aproximou-se da sala em que ia ter lugar o ato, abriu-se a multidão, tomada de respeito, em duas filas, cujas orlas ficaram imediatamente guarnecidas de senhoras e meninas.

Veio o maestro para o centro. Um religioso silêncio tomou tôdas as atenções.

O que se passou, é difícil descrever.

Apareceu o sr. Carlos Deviene, inteligente ourives que fizera a preciosa insignia e depositou-a nas mãos da comissão encarregada pela orquestra de apresentá-la a Carlos Gomes.

Eram dois ramos de louros com fôlhas de tamanho natural, dobrados em arco, e presos nas hastes por uma laçada: uma rica, uma custosíssima coroa de ouro, enfim.

A orquestra a quem é devida a idéia, delegara a uma comissão como já disse, a entrega da coroa, essa comissão teve por seu relator, o notável artista sr. Azarias D. de Melo.

Este, em algumas palavras repassadas de sensibilidade, externou o pensamento de seus constituintes e chamando a irmã do maestro, a exma. sra. d. Joaquina Gomes, rogou-lhe quizesse ela mesma, colocar a coroa sobre a fronte do inspirado compositor.

Sucedeu-se então, um dêsses quadros patéticos, de rápida passagem sobre o mundo. A música encheu o ambiente com as suas notas festivas.

Todos contemplavam-se numa exaltação encantada, nessa mudês indefinível, que move as lágrimas por entre arroubos das mais radiantes pompas. Parecia-nos ver vibrar-se majestoso na sua auréola imensa, o anjo do universo, o anjo das harmonias, e pendendo o dedo sobre a face translúcida do poeta músico, bradar na voz dos reis absolutos, os reis do talento:

«I Dio me l'ha datta, guai chi la tocca».

E assim, consagrado, festejado por seus conterrâneos, Carlos Gomes permaneceu algum tempo na cidade natal, partindo depois para o Rio de Janeiro, onde o Guarani seria representado a 2 de dezembro, data natalícia do Imperador.

ESTRÉIA NO RIO DE JANEIRO

Ainda de Escragnole Doria são estas notas:

«A 2 de dezembro de 1870, d. Pedro II completava quarenta e cinco anos. Para o espetáculo de gala no «Provisório», então lírico Fluminense anunciou a primeira representação do Guarani, dedicada pelo autor ao natalício do amigo no trono.

Carlos Ferreira o poeta outróra tão lembrado, em folhetim, prestou testemunho da noite inolvidável de 2 de dezembro de 1870.

Três dias antes da recita, a casa estava totalmente vendida. A rua do Ouvidor durante aqueles três dias, só foi «O Guarani».

Chegou a noite de calor horroroso, e o teatro repleto. Na sala, apertava-se o que havia de escól na capital do Império. Nos camarotes, as senhoras mais lindas ou mais distintas, e ser linda é ainda ser distinta.

Em um camarote, junto à boca do palco, na primeira ordem, via-se ao lado de umas damas esplendidas, um homem muito encolhido, com um ar notavelmente modesto e doentio, de barbas pretas, pálido, olhando como que a custo através de uns oculos de aros de ouro.

Para êsse homem convergiam, curiosos, todos os olhares da platéia, enquanto não subia o pano, mas ele nem sequer parecia dar por isso.

Era o Conselheiro José de Alencar, o festejado autor do célebre romance donde o nosso insigne maestro fizera extrair o libreto para essa ópera que tão luminoso caminho lhe abriu para a posteridade.

Sobe o pano, estão em cena Lelmi, o tenor, Gasz, a prima dona. Corre o primeiro ato com seis chamadas ao proscenio. Daí por diante o triunfo cresce. Chovem ovações, entremeia-se a música com os discursos e as poesias, estas de Guimarães Junior e Bitencourt Sampaio. O palco é um mar de flôres. Carlos Gomes aparece na tribuna Imperial, D. Pedro aperta-lhe a mão e põe-lhe no peito a comenda da Rosa. O público prorrompe em aplausos frenéticos aos dois homens ilustres, coroados de majestade e talento, (De Campinas, Carlos Ferreira à frente de uma comissão, representando a cidade, entrega a Carlos Gomes preciosa medalha na qual se via, na face principal, uma figura de mulher sentada sobraçando uma lira, e na outra a

dedicatória: «Ao maestro Antonio Carlos Gomes, o povo de Campinas». Acima da medalha um grande brilhante, de elevado preço sustentava o passador da fita inteiramente cravejado de pedras preciosas).

Passa o terceiro ato, vóa o quarto, e as aclamações não cessam a Carlos Gomes e a José de Alencar, êste procurando no camarote a furta-se ao triunfo.

A cabeleira do Tónico recebe chuva de ouro. Pombos e canários soltos em sinal de alegria, esvoaçam tontos pelo teatro, alguns recolhidos por espectadores mais piedosos.

Dez, vinte, trinta chamadas à cena, e finda a récita. Carlos Gomes é conduzido à casa pela multidão, á luz de fôgos de Bengala, ao estourar de foguetes, à desarmonia de seis bandas de música tocando ao mesmo tempo as marchas mais conhecidas na época.

Horas depois, o Campo de Sant'Ana era deserto, cheio de écos, e o Provisório fechado, recebia em cheio, por noite abafadiça, na pintura amarela do edificio, o clarão, aqui poesia, ali mágua, de um dos maravilhosos luars de estío do Rio de Janeiro onde a lua quando sóbe, faz tantas saudades...»



Escola de Bailados "MARYLENA COSTA"

Professôres: MARYLENA F. COSTA
GRIMALDI e PEDRO KARA

Inspeção: MME. HALINA BIERNACKA
(diretora artistica da Sociedade Ballet
de São Paulo)

Direção Geral: MARYLENA F. COSTA
GRIMALDI

RUA REGENTE FEIJÓ, 1.483
FONE 9-6694

Mais uma vez consagrava-se o Guarani, com o aplauso e as melhores manifestações de acolhimento dos brasileiros.

Dois anos depois, Carlos substituiu o pequeno prelúdio inicial da ópera, pela majestosa Protofonia na qual sintetizou os motivos principais da partitura.

Na Baía, em 1878, a ópera alcançava extraordinário êxito, um dos maiores acontecimentos artísticos ali presenciados.

Em 1880 coube ao Pará, o grande Estado do norte que generosamente acolheu o maestro, nos seus últimos meses de vida, testemunhar o seu entusiasmo pelo festejado trabalho do artista campineiro.

Diz Ulisses Nobre:

«Nessa noite inolvidável de 9 de setembro, o Teatro da Paz comportava o que se chama uma enchente real formada por uma sociedade escolhida e elegante. Após o primeiro ato, como o público não pudesse vitoriar pessoalmente a Carlos Gomes, chamou a cena o maestro Bernardi, regente da orquestra, simulou que tinha em sua presença o inesquecível paulista e vitoriou-o estrondosamente. De todos os lados eram arrojados lindos bouquês, flôres e até poesias».

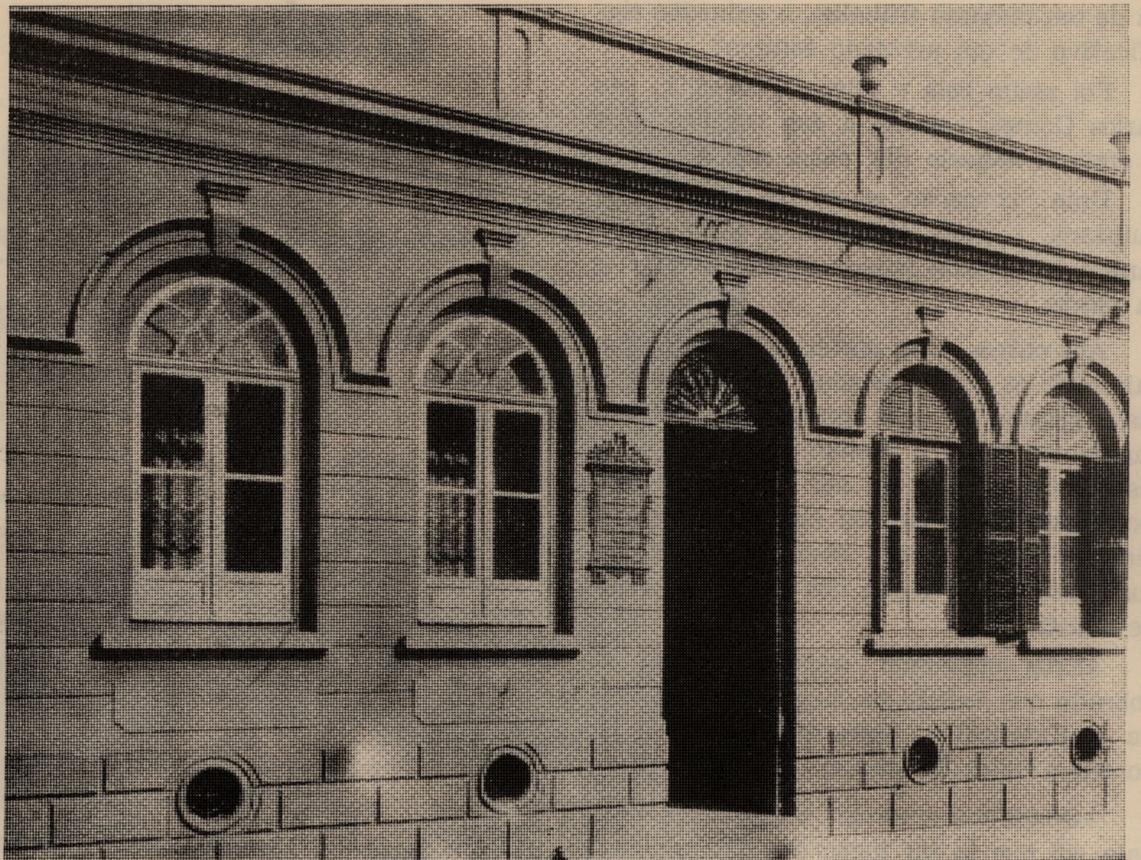
«... mal acabava um ato a mesma cena era repetida, até que o entusiasmo tocou ao delírio no fim do terceiro e quarto atos, com especialidade neste, em que já não havendo mais flores, atiravam-se ao palco, chapéus, lenços, etc.».

E o Guarani continuou, assim, a sua triunfal ascensão aos palcos da América e do Velho Mundo, reconhecido o seu valor musical onde quer que fôsse apresentado.

REPRESENTAÇÃO EM CAMPINAS

Celebrizada a ópera do genial compositor, entretanto, tornara-se conhecida, em sua terra natal, apenas através de espartitos para bandas, seleções de orquestras e romanzas cantadas por amadores do bel canto.

Em 1894 estreava no Teatro São Carlos a Companhia Lírica Verdini, encenando a



Casa já demolida que existiu na rua Regente Feijó na qual se vê uma placa colocada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes recordando o local onde nasceu o maior artista lírico sul-americano

Carmem de Bizet a 31 de maio. No dia 2 de junho, cantava-se «Fausto», de Gounod, seguindo-se no dia 5, a «Norma», de Bellini, dia 10 a «Aida», de Verdi, a 14 «Gioconda», de Ponchielli, a 16 «Barbeiro de Sevilha», de Rossini, anunciando-se para o dia 19, a grande novidade: «Il Guarani», de Carlos Gomes.

Vinte e quatro anos depois de glorificada no Scala de Milão, os campineiros teriam, finalmente, o prazer de conhecer a ópera inteira do maestro conterrâneo.

Os principais papéis foram entregues aos artistas: Cecília, sra. Montesini — Perí, G. Simoni — D. Alvaro, sr. Molteni — D. Antonio Mariz, A. Mori — Cacique dos Aimorés, A. Ferramola — Gonzales aventureiro, sr. Verdini.

Na regência estaria Sant'Ana Gomes.

Desnecessário será dizer o enorme interesse que despertou essa representação. De fóra, das cidades vizinhas, e mesmo de São Paulo, vieram muitas pessoas, lotando-se ao máximo o velho Teatro São Carlos.

O sucesso foi enorme. Nunca se vira tamanho entusiasmo no teatro local. Os aplausos eram frenéticos, festejando os esforçados artistas que proporcionavam ao público o prazer de conhecer a importante obra de Carlos Gomes. Sant'Ana Gomes na direção da orquestra, foi ovacionadíssimo pelo povo a erguer na onda sonora dos aplausos, o nome e a glória imorredoura de seu irmão, naquele instante longe da terra natal.

A ópera foi reprisada nos dias 21 e 25, atraindo considerável assistência, marcando um dos mais expressivos acontecimentos artísticos da cidade no século passado.

A POESIA EXALTA O GÊNIO MUSICAL

Contam-se aos milhares as produções poéticas, odes, sonetos, poemas que, em magníficas estrofes, cantam os feitos do imortal maestro brasileiro, lamentando outros, na dorida cadência de suas rimas, o desaparecimento daquele que foi o expoente musical do Novo Mundo.

A MORTE DO CONDOR

Benedito OTÁVIO

*Dos plainos do Poente, aos plainos do Levante,
Ouviste erguer-se um dia, ó sombra lascinante!*

— Um coro triunfal!...

*E ouviram-n'o de certo as mais longinhas plagas,
Dos ventos o passar, o marulhar das vagas,
— Enorme, colossal!*

*E breve, o fundo vale, as nuvens densumbrosas,
O cerúleo dos ceus, as pétalas das rosas,
O horizonte infinito e o sol a refulgir...
E seguindo êste hosana além por mundo em jóra,
Dir-se-ia despontar uma fulgente aurora
No Oriente do porvir!*

*Escutaram-n'o a mata e as verdejantes zonas,
Dos Pampas o esplendor, as ondas do Amazonas
Por entre mil festões floridos a rolar,
E os pássaros cantando à sombra das palmeiras
E o tapuia que habita as selvas brasileiras
Ostentando na frente as plumas do cocar...*

*E disse a Glória alçando a voz nos horizontes,
Os vales percorrendo o pincaro dos montes,
E os céus cheios de paz e o mar cheio de horror:
"Salve pátria ditosa! É a sagração de um gênio
"Que por ti foi vencer nas lutas do proscênio!
"É a águia que o vôo eleva, impavido condor!"*

*Tú, porém, murmuraste, ó sombra horrenda e crua,
Em cujo peito fero a fera raiva estua,
Disseste, ó vil fantasma! alevantando a voz:*

J. RAMOS & CIA. LTDA.

Associa-se as festividades das comemorações,
da OPERA GUARANI de CARLOS GOMES,
no seu 1.º centenário.

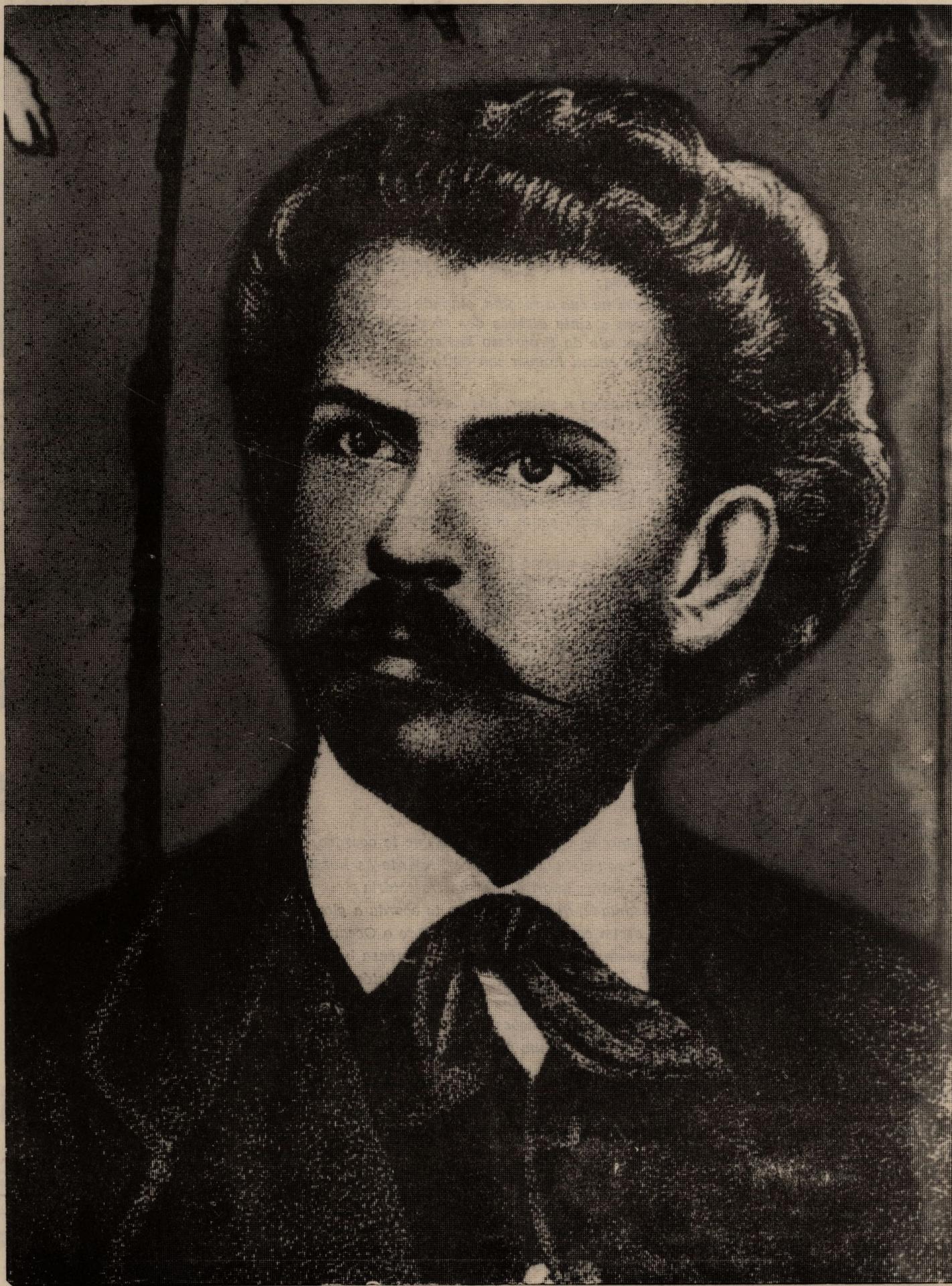
RAMOS TURISMO

Agência de Viagens
Excursões — Passagens aéreas e Marítimas
RUA BENJAMIN CONSTANT, n.º 1.292

FONE 9-1351
EMBRATUR — 304/SP — CAT-A

CORREIO POPULAR

HISTÓRIA
DE
CAMPINAS



CARLOS GOMES AOS TRINTA E QUATRO ANOS, QUANDO VITORIOSAMENTE APRESENTOU IL GUARANI NO TEATRO SCALA, DE MILÃO

(Comp. de Kazys Vosylius)

"Sobe, sobe, condor! O teu vô descerra
"E vae de mar em mar, e vae de terra em terra!"
"Mas eu te cortarei o vô altivo após!"

E o tempo foi correndo: as éras após éras
Os invernos seguindo após as primaveras,
A noite após a noite, os sóes após os sóes!
E o condor se alteiava, o grande dentre os grandes,
Ultrapassando o cimo olímpico dos Andes,
Conquistando os laureis vetustos dos heróis!

Apresentava o gênio em melodia rara,
O afeto de Cecilia, a dor cruel de Iára,
Da Tudor a paixão, de Condor o revês;
Da floresta o ciclar que vai de riba em riba
E o doce murmurar do calmo Paraíba,
E o horrisono rugir dos fortes Aimorés;

De Salvator o esforço, e do mar ao ribombo,
A esperança a fulgir nos olhos de Colombo,
Os medonhos parceiros passando sem temor!
E ao som da sinfonia assim clamava a Glória:
"Gênio! Tu viverás nas páginas da história,
"O águia portentosa, impavido Condor!"

E vinte anos depois, quando iam nossas almas
Explodir a seus pés num turbilhão de palmas,
Sonoras a estrugir,
Quizeste, ó sombra mestra, à boca feia um rictus
Merencório a enflorar os teus lábios malditos,
Do pássaro este vô altivo ferir!

Ergueste a foice. Ho! Deus e do Gênio o santelmo
— Como aos golpes da maça estacela-se um elmo.
Desfêz-se nesse dia! E a ave foi ao chão!
Sorriste ao derribar o grande entre os grandes,
Cuja frente altaneira ultrapassava os Andes,
Cujos vôs sem par devassava a amplidão!

Tripudiaste, julgando essa vitória tua,
Ó morte formidanda, ó morte torpe e crúa!
Ceifadora eternal de funebre troféu!
— E o viste além sofrer, perante o azul celeste,
Porque se a Fama é o céu que de astros se reveste,
A dôr que segue o Gênio é a nuvem deste céu!

Mas, não venceste, não! Que indo através das eras
Das estrêlas, dos sóes, dos mares, das esferas,
A Glória brada sempre em rutilo fulgor:
"Salve ó pátria ditosa! Eterna entre altos nomes
"É a epopéia do Gênio!"

E é a tua, ó Carlos Gomes!
— Águia de minha terra, impavido condor!

NO TÚMULO DE CARLOS GOMES

Martins FONTES

Cantai! Florestas do Brasil, cantai!
Ventos, águas dos mares e cachoeiras,
Centuplicando estrofes condoreiras,
Tombadalai, rolai, sinfonisai!

Nossa harmonia louve o excelso Pai!
E ouça-se a voz das plagas campestres
Que dominando os hinos das palmeiras,
Chore e soluçe em convulso guai!

São Paulo a Carlos Gomes interpreta,
Erige-lhe um altar sobre o alcantil,
Que no espaço e no tempo se projeta!

Em cada cume, em cada campanil,
Redobre um carrilhão e exalce o poeta
Das orquestras de fogo do Brasil!

CARLOS GOMES

Ibrantina CARDONA

A natureza, a mãe enorme gigantesca,
De quem tu, arrojada inspiração dantesca,
Pelo teu Guarani fecundo de harmonia,

Na força musical, reproduziste um dia,
O vigor da floresta indígena; a linguagem,
A vida, a raiva do amor e a dança do selvagem;
Das aves o gorgoio, o rugido das fêras,
O eco dos trovões e a calma das esferas;
A injusta natureza, a quem por toda a parte,
Na epopéia sublime e imaculada da Arte,
Tu tornaste imortal; com seu pulso assassino,
Aniquilou-te agora o cérebro, divino!

E tu tombaste, oh! Águia audaz e torturada!
Numa explosão de luz, tombaste ao Grande Nada!
Tombaste, sim! mas vendo a imensa cordilheira
Da América gigante; ouvindo a derradeira
Harmonia da selva, esmorecendo aos poucos,
Nas fibras da tua alma; ouvindo os ecos roucos
Das cascatas caudais do soberbo Amazonas,
Inflamado do sol tropical destas zonas!

Sol que, jorrando luz dos píncaros dos Andes,
Alaga tua Pátria em radiações tão grandes
Como essas vibrações de notas primorosas,
Da tua alma de Artista, ecoação gloriosas
Pelo Universo inteiro!

Oh! grande Brasileiro!
Tipo descomunal! Oh! cabeça estupenda!
Há de haver quem tua alma extraordinária
entenda;

Quem na sua a recolha, ouvindo a a todo instante;
Quem a sinta através dos séculos, palpinte,
Enquanto do Progresso haster-se o baluarte,
E no Brasil houver um culto pela Arte!

Na música a pulsar, hás de viver, oh! Artista,
No grande coração da mocidade altruista!

Viverá, sim! Aquele em quem, no Velho Mundo
Tantas vezes gritou, desmedido e profundo,
O nosso pátrio orgulho, ao ve-lo festejado,
E pela culta gente ouvido e proclamado!

Sim! Esse mesmo em que todo o Brasil radiante
De louros viu cingida a fronte de gigante!...

Viverá como vive o Gênio nos que ouvem
Harmonias de Liszt, de Wagner, de Bethoven,
De Chopin e Mozart, de Verdi e Paganini!
Sim, êle viverá como vive Bellini,
E como vive o Herz e Gottschalk — o bravo!
Não! não morreste, oh! Artista autor da Fosca e
Escravo!

Levanta-te, Cabloco! Agora é que te acordas
No grande Pantheon, para juntar-te às hordas
Dos vultos imortais! A tua trajectória
Levanta-te, que agora é que te acorda a gloria!
E assim como Noé, outrora sobre o Oceano,
Contemplava o dilúvio, em sua imensa barca,
Tu, erecto e de pé no pórtico da História,
Olharás, através dos sec'los, altaneiro,
Passando as gerações...

E se um dia o estrangeiro

CASA DE PIANOS "EGYDIO ARANHA"

SÉRGIO A. ARANHA

Vendas e reformas em geral de pianos
harmônios — Materiais para pianos,
feltros, isoladores de vidro e madeira,
banquetas e mochos, cordas, bordões
e gaitas, avaliações e afinações

RUA DR. QUIRINO N.º, 1426
FONE 9-5386

Te perguntar: Quem és? Responderá ufano,
Por ti o teu Brasil:

É o grande patriarca

Da Arte musical — Carlos Gomes! Primeiro
Vulto de excepcional Artista Americano!



Prédio ainda existente à rua
Dr. Moraes Sales, antiga rua
de São Carlos, onde se hospedeu
Carlos Gomes quando de
seu regresso da Europa glori-
ficado pelo sucesso do
Guarani

NOSSA TRADIÇÃO

É MAIS

UMA GARANTIA

PARA O SEU

VOLKSWAGEN !



VEICULOS E SERVIÇOS LTDA.

REVENDEDOR AUTORIZADO

Barão de Itapura, 2233